

O CASO DO PORTUNHOL: UMA LÍNGUA DE FRONTEIRA(S)**The case of Portuñol: a language border(s)**Ghislaine Brito de Arruda¹Marcello Pereira Tamwing²**RESUMO**

O portunhol configura-se como um fenômeno linguístico a partir da hibridação do português com o espanhol em situações de contato. Esse processo ocorre sobretudo em regiões fronteiriças geralmente nos seguintes casos: no espaço geográfico onde existem comunidades de fala que permitem o contato do português com o espanhol e também nas relações interpessoais. O portunhol não é, de certa maneira, levado em consideração no processo de ensino-aprendizagem em muitas instituições de ensino, principalmente desses locais de fronteira, por ser considerado um código linguístico “errado” no ato da comunicação verbal. Este artigo tem por objetivo apresentar os diferentes contextos comunicativos de representação do portunhol e as implicações atribuídas ao seu uso. Para isso, foram utilizados alguns autores que fundamentam teoricamente esta pesquisa em uma perspectiva bibliográfica, tais como: Dell Hymes (1972), Brito (2010), Lipski (2011), Bagno (2011), Zolin-Vesz (2014), Sturza (2019), os quais apresentam discussões e reflexões sobre essa temática. Ao final, são apresentadas algumas considerações sobre a questão do portunhol, bem como maneiras de se pensar e refletir sobre seu emprego nas muitas práticas comunicativas. Trabalho desta natureza é relevante, pois contribui, de certa forma, para a quebra do preconceito linguístico, tendo em vista ser mais importante, linguisticamente, no ato comunicativo, a compreensão da mensagem e não a maneira como ela é transmitida pelos falantes.

Palavras-chave: Portunhol. Fronteira. Língua. Ensino. Preconceito.

ABSTRACT

Portunhol is configured as a linguistic phenomenon from mixing Portuguese with Spanish in contact situations. This process occurs mainly in general in the following cases: in geographic areas where there are speech communities that in the geographic area where there are speech communities that allow contact between Portuguese and Spanish, and also in interpersonal relationships. Portunhol is, in a way, not taken into consideration in the teaching-learning process in many educational institutions, especially in these border areas, because it is considered to be a language that is not spoken in Portuguese. It is considered a "wrong"

¹ Mestra em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre, Brasil; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1260-435X>; e-mail: ghislaine.arruda@sou.ufac.br

² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Acre. Centro de Estudo de Línguas, Acre, Brasil. Secretaria Estadual de Educação; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0360-6465>; e-mail: marcellotamwing@gmail.com

linguistic code in the act of verbal communication. This text aims to present the different communicative contexts of portunhol representation and the implications attributed to its use. To this end, some authors who theoretically ground this research in a bibliographic perspective were used, such as: Dell Hymes (1972), Brito (2010), Lipski (2011), Bagno (2011), Zolin-Vesz (2014), Sturza (2019), which present discussions and reflections on this theme. At the end, some considerations on the issue of Portunhol are presented, as well as ways to think and reflect on its use in many communicative practices. This study is relevant because it contributes, in a certain way, to stop the linguistic discrimination, considering that it is more important, linguistically, through the act of communicating, the understanding of the message and not the way it is transmitted by the speakers.

Keywords: Portunhol. Border. Language. Teaching. Linguistic Discrimination.

1. Introdução

A temática do portunhol se revela em diversos estudos que se preocupam em entender o surgimento desse fenômeno linguístico a partir do contato estabelecido pelo português e o espanhol, dentre eles, podem-se citar as investigações de Sturza (2019), Zolin-Vesz (2014), Reis (2010), Diniz (2012, 2019), Lipski (2011), Bassi, (2013), Barrios (2014), entre outros. Por um lado, existem aqueles que se preocupam em estudar o portunhol a partir de um processo de interlíngua em que alunos brasileiros, aprendizes de espanhol, acabam por mesclar termos dos dois idiomas, uma hibridação linguística, ocasionando uma forma “incorreta” de uso da língua, sobretudo em instituições de ensino; por outro, existe a vertente de estudo do portunhol que é produzido em regiões de fronteiras geográficas da América Latina, o portunhol fronteiriço. Nesses espaços, é comum a existência de uma interação comunicativa determinada por diversos grupos. A livre circulação de pessoas e o contato estabelecido em locais, como: bares, hotéis, restaurantes, escolas, dentre outros, permite a formação híbrida de termos oriundos de recursos linguísticos dos dois idiomas.

Há também aqueles que buscam estudar o que se chama de portunhol selvagem³, visto a partir da noção de idioma livre, língua sem regras e estruturas gramáticas, usado, principalmente, dentro do campo literário por autores que vivem em regiões de fronteira, como forma de demarcação da sua identidade e de aproximação de suas obras aos dois públicos que coabitam o mesmo espaço de fronteira. Somando a isso e, também, dentro de um ponto de vista linguístico, não existe só uma visão para se analisar e entender o portunhol. Shneider (2020), se referenciando ao trabalho de Eliana Sturza (2019), afirma que essa temática:

³ Bonfim (2012, p. 75) define o portunhol selvagem como “*un lenguaje poético, un idioma cuyo léxico y cuyas “normas” se organizan de manera espontánea, lúdica, en la justa medida de las necesidades del que lo usa.*”

Pode ser observada a partir de diferentes campos da investigação acadêmica, como a Sociolinguística, a Política Linguística e a Linguística Aplicada, por exemplo. A partir de tais olhares, a autora aponta para quatro ocorrências em que o portunhol é protagonista, sendo que para cada uma delas, embora a afirmação de ser um contato entre o português e o espanhol, há funções, expectativas e óticas distintas: “[...] Portunhol Uruguaio, que uso aqui como renomeação do *Fronterizo/Portugués del Uruguay*; Portunhol como interação comunicativa; Portunhol como interlíngua e Portunhol Selvagem como recurso estético-linguístico” (SHNEIDER, 2020, p. 15).

Dessa forma, é possível perceber que existem demarcações sociais diferentes para o uso do portunhol, atribuindo uma ampliação à noção de fronteira aos seus contextos de uso. Se de um lado tem-se a rejeição do portunhol, devido à atribuição incorreta da língua, por outro, tem-se a demarcação dele como língua que possui agentes comunicativos em um espaço geográfico limitado, mostrando representações identitárias das comunidades que o usam como língua de comunicação.

Corroborando as considerações, este trabalho tem como objetivo apresentar os contextos de (re)apresentação do portunhol e as implicações relacionadas ao seu uso. Para isso, é estabelecida uma relação aos sentidos da palavra fronteira para melhor descrever os espaços e os grupos que usam e aplicam o portunhol em suas práticas comunicativas. Para tanto, são utilizados dois questionamentos que norteiam esse processo analítico: como é visto o portunhol dentro da sala de aula? Como surge o portunhol em comunidades fronteiriças? Essas e outras questões são respondidas e contextualizadas ao longo desta pesquisa. No final, apresentam-se reflexões, apontamentos e discussões sobre o portunhol, bem como as complicações e enredos que o rodeiam, objetivando fornecer subsídios para uma melhor compreensão sobre essa temática.

2. O portunhol e as fronteiras dentro da sala de aula

O espaço da sala de aula é constituído por uma heterogeneidade que representa a diversidade do público que a permeia. É comum e quase que natural encontrar pessoas em níveis e processos de aprendizagens diferentes que representam as individualidades de cada sujeito. A título de exemplificação, no município acreano de Brasiléia, na fronteira entre o Brasil e a Bolívia, podem haver estudantes bolivianos matriculados em escolas brasileiras e brasileiros matriculados em escolas na cidade boliviana de Cobija. A sala de aula, nesses espaços de fronteira, é marcada pelo multilinguismo e, por conseguinte, pelas variações linguísticas.

No caso específico do ensino-aprendizagem de línguas, existem modelos de ensino e padrões de fluência atribuídos ao que seria considerada a forma “certa” de falar e escrever na língua-alvo e qualquer forma, que se desvie dos padrões expostos nos livros e nos modelos

avaliativos das escolas, se caracteriza como “erro”. Assim sendo, nesse percurso, muitos alunos se deparam com um obstáculo no processo de aquisição da fluência “correta” ou “perfeita” do idioma, isto é, a interferência da língua materna (LM), que pode se apresentar nos mais diversos campos, como por exemplo: lexical, fonético-fonológico morfossintático etc. Esse obstáculo é principalmente caracterizado pelos vestígios do português nas produções em espanhol dos alunos, o que passou a ser designado como interlíngua. Nesse contexto, é mister a assertiva de Zolin-Vesz (2013) afirmando que:

No âmbito do ensino de espanhol no Brasil, o portunhol é caracterizado como uma "mistura" entre o português e o espanhol, geralmente associada ao domínio insuficiente de um sujeito que se encontra em processo de aquisição da língua espanhola. Dessa forma, falar portunhol na sala de aula significaria "uma maneira errada" ou "falar mal" espanhol, referindo-se às produções linguísticas realizadas pelos aprendizes durante o processo de aprendizagem da língua espanhola (ZOLIN-VESZ, 2013, p. 322).

É pertinente o postulado desse autor, visto que a forma “incorreta”, associada às produções em portunhol dos estudantes, abre espaço para o surgimento de fronteiras na sala de aula. Existe uma separação de grupos, quando os aprendizes “considerados não fluentes na língua espanhola” são rotulados pelos alunos que possuem fluência. Desse modo, a conceituação negativa associada ao portunhol e os padrões impostos pelos cursos de idiomas asseveram a noção de “falar errado” dos alunos e, conseqüentemente, acabam por proporcionar desestímulos, levando-os à desistência e, muitas vezes, à estagnação no processo de aprendizagem. Bagno (2011, p.365) afirma que “a padronização, a gramatização, a ortografia de uma língua tem constituído, em todos os momentos históricos, um processo de seleção e, como todo processo de seleção, um processo simultâneo de exclusão.” Assim, a língua espanhola estudada em sala de aula, por vezes, quando o seu ensino se centra somente no domínio da chamada norma padrão, contribui para a exclusão das formas legítimas de aquisição da linguagem, como o surgimento de uma língua de contato, neste caso, o portunhol. Vale destacar que os modelos tradicionais, assim como as bases estruturalistas que visam entender a língua como um sistema fechado além da valorização da estrutura linguística, perduram e se mantêm em muitos dos padrões de ensino. De acordo com Lagorio (2011):

a discussão sobre norma deixa de lado, quase sempre, um dos fenômenos mais recorrentes da história: sociedades e línguas em contato. O purismo, como bandeira ou emblema de defesa e coesão social, geralmente estigmatiza as formas e falares não canônicos que fazem parte das conseqüências dessa situação sociolinguística (LAGORIO, 2011, p.193).

Essa percepção de língua como sistema e o apego pela forma promovem a rejeição de qualquer perspectiva que direcione ao entendimento da produção de desvios que venham a se apresentar no processo de aprendizagem de uma nova língua. Esse ponto de vista leva a entender que toda a língua é regida por um sistema fechado que não pode sofrer influências externas e com desvios das formas e estruturas gramaticais, pois, neste caso, configura-se como “errada”. Comprovando essa assertiva, Zolin-vesz (2013) ressalta que essa caracterização equivocada:

estabelece a primazia das formas e das estruturas linguísticas para a aprendizagem de línguas. Nessa perspectiva, sistemas linguísticos são separados de seus contextos sociais, de suas funções como ferramentas de interação, de seu potencial para a significação, de seu uso (ZOLIN-VESZ, 2013, p. 324).

Toda essa percepção leva o estudante a entender que quando se chega à essa fase de interlíngua e há produção de portunhol em sua formação de palavras da língua espanhola, ocorre uma barreira de comunicação, tendo em vista que a forma (ou melhor, a estrutura) da língua não foi empregada corretamente, o que ocasionaria em problemas de interpretação pelo receptor da mensagem transmitida. Todavia, atravessar essa fronteira e chegar ao que as instituições de ensino consideram como a “forma correta”, não é uma tarefa fácil, tornando-se um obstáculo difícil de superar para muitos alunos.

Em se tratando do aprendiz, ele entra em um estado de fronteira quando, durante o caminho percorrido entre o português e o espanhol, se depara com a dificuldade de separar os dois idiomas, quando há, nessa situação, influências da LM na produção da língua-alvo. Ademais, o espanhol por ser uma língua românica, assim como o português, a tendência é que ocorra uma série de similaridades semânticas, morfológicas e sintáticas. Para Brito *et al* (2010, p. 30), “é frequente o espanhol e o português aproximarem-se, constituindo um grupo à parte no conjunto românico. Embora as línguas românicas sejam formadas por um vasto conjunto, pode-se dizer que há quatro línguas românicas dominantes, a saber: o português, o espanhol, o francês e o italiano. Dessas quatro línguas, a língua francesa é a que mais se distancia do português e do espanhol em questões estruturais e semânticas. Logo, a ocorrência de “erros” no processo de aquisição de uma nova língua se torna um fenômeno bastante comum.

Essa divisão estabelecida em sala de aula diverge do propósito primordial que se relaciona com a ação de se aprender uma nova língua: a comunicação. A LM, muitas vezes, é o único suporte linguístico que auxilia nas produções da nova língua. É a partir dela que muitos

recursos são utilizados para a atribuição de sentidos e para se estabelecer a competência comunicativa. Nesse sentido, levando-se em consideração o entendimento apresentado por Dell Hymes (1972) para a competência comunicativa, entende-se que esse processo alcança quatro habilidades, que são: **linguística**: empregar a língua para atribuir significados; **sociolinguística**: utilizar a língua de forma compatível ao contexto social e cultural; **discursiva**: produzir e decodificar textos; **estratégica**: transmitir mensagens quando alguma(s) da(s) apresentada(s) anteriormente é(são) insuficiente(s).

Assim sendo, as competências apresentadas por Hymes (1972) mostram que o processo de aprendizagem não se interrompe em um determinado estágio, já que a competência comunicativa está envolvida em diversos fatores e âmbitos diferentes. Dessa mesma forma, o aluno passa por diferentes etapas no seu processo de aprendizagem que se tornam mais ou menos fáceis de acordo com as individualidades de cada um.

As produções em portunhol dos alunos é uma evidência natural do processo de aprendizagem, isto porque, ao não ter o domínio completo da língua-alvo, o aluno vai se apoiar nos recursos linguísticos que já lhe são íntimos, aqueles que compõem a sua LM, e lhe servirão de suporte para que não haja interrupção ou ruído na sua comunicação. Essa é uma das estratégias que legitima o espaço da sala de aula como um campo livre, onde os alunos possam se sentir seguros para as suas transições entre o “errado” e o “certo”. As práticas discursivas que se apresentam na sala de aula exibem os conjuntos de características individuais de cada um. É nesse espaço onde o aluno deve repensar seu caminho até a aprendizagem, construir sentidos e atravessar as fronteiras para o alcance do domínio da nova língua.

Por conseguinte, toda essa tramitação pode ser lenta e, às vezes, complicada, mas entender as particularidades que envolvem esse processo é primordial para que esse atravessamento realmente ocorra e o aluno não se sinta estagnado em um ambiente de exclusão. Nesse contexto, parafraseando a concepção de Hymes e as competências relacionadas ao ato comunicativo, o desenvolvimento da língua não está dentro de um plano único, mas sim dentro de uma ideia prática, de uso social e que propõe atribuir sentidos, significados e se comunicar nos diversos contextos linguísticos.

3. O portunhol como língua de fronteiras físicas

Dentro do sentido de fronteira a partir de uma conceituação geográfica, o portunhol apresenta-se a partir de uma nova concepção, a de língua que, embora não haja uma gramática que o normatize ou regras que defina a sua estrutura linguística, possui falantes em um espaço demarcado geograficamente. Consubstanciando esse pensamento, Sturza (2019) salienta que:

O contato linguístico entre o português e o espanhol na América do Sul produziu o portunhol como uma prática comunicativa usada pelos fronteiriços em situações específicas e para determinados propósitos. Deste modo, é uma língua que tem falantes, mas não tem ainda uma gramática estável, nem há uma regularidade na construção linguística de suas formas (STURZA, 2019, p. 98).

Sendo assim, o portunhol existe como língua em regiões fronteiriças a partir da interação comunicativa estabelecida nesses espaços. Como forma de demonstrar como esta perspectiva se confirma na prática, destaca-se o ir e vir de indivíduos oriundos de países distintos (nesse caso específico o Brasil e países que têm o espanhol como língua oficial). A interação estabelecida entre essas pessoas em espaços sociais fronteiriços permite o surgimento de uma língua híbrida que apresenta a configuração linguística dos dois idiomas: o portunhol.

Com efeito, o portunhol, como língua, traz consigo a representação identitária dos sujeitos que o usam, uma vez que a dinâmica da vida em fronteira possui diversos fatores que direcionam ao uso do portunhol nas interações interpessoais cotidianas, quando o principal deles é o fator mercadológico/comercial. Destarte, a maioria das fronteiras se apresentam como grandes atrativos comerciais para aqueles que buscam comprar produtos nas zonas francas de livre comércio mais baratos que no país de origem. Como forma de evidenciar esta assertiva, ressalta-se que muitos brasileiros se deslocam a cidades fronteiriças com propósitos comerciais de adquirir produtos com o preço menor que em seu país. No caso específico da fronteira Brasil-Bolívia, que compreende as cidades de Brasiléia e Cobija, Lipski (2011) afirma que:

Cobija tem um amplo setor comercial de produtos importados e nacionais, concentrado no centro da cidade perto da ponte. A balança econômica favorece o Brasil; o visitante brasileiro que porta reais acha que os preços do lado boliviano são muito mais favoráveis do que no próprio país. As ruas, os mercados e as lojas de Cobija se enchem de brasileiros todos os dias, e nesta zona é mais frequente ouvir o português que o espanhol durante as horas comerciais. O português falado pelos comerciantes bolivianos oscila entre variedades muito limitadas e um domínio quase completo, copiando exatamente o sotaque acreense (LIPSKI, 2011, p. 350).

Essa dinâmica, por diversas vezes, se confirma, em grande parte, nas fronteiras brasileiras e, conforme o autor menciona, é possível perceber que o português assume o protagonismo nesse contato com o espanhol, em virtude de a dependência econômica do outro lado da fronteira fazer com que os falantes de espanhol se permitam tentar falar em português como uma busca de se aproximar ao outro que quer consumir/comprar seus produtos. Para

exemplificar essa conjuntura, são apresentadas duas fotografias, tiradas no espaço fronteiriço Brasil/Bolívia, que compreende geograficamente as cidades de Cobija-Brasiléia:

Figura 1. Zona comercial de Cobija



Fonte: Dados dos autores - 2019⁴

⁴ Foto retirada na cidade de Cobija - Pando. Loja comercial de produtos íntimos femininos.

Figura 2. Mercado boliviano

Fonte: Dados dos autores - 2021⁵⁶

Na primeira foto, tem-se a evidência do termo híbrido “suchan” equivalente ao termo em português “sutiã”. Nesse exemplo, pode-se observar que o autor da placa, possivelmente, utilizou-se de recursos linguísticos como forma de transformar a língua acessível aos que usariam o português para comprar um de seus produtos. Com isso, a partir da mescla entre o que se ouvia em português [sutjẽ] com os conhecimentos da sua própria língua, o espanhol, originou-se o termo híbrido “suchan”, tendo como base o dígrafo “ch” da língua espanhola para representar o som que se ouvia em “tiã” na palavra em português “sutiã”.

Na segunda foto, observa-se a evidência da palavra “calabresa”. Esse termo não se configura dentro do repertório linguístico da língua espanhola; no entanto, a situação de fronteira e o uso frequente da palavra nas interações comunicativas originaram o termo com a atribuição da letra “z” como forma de representar o som fonético do “s” do termo em português “calabresa”.

Os dois exemplos mostram a identificação e o uso do portunhol em muitas das situações comunicativas que estão presentes nas regiões de fronteira. A reprodução de termos como esses verificados nos anúncios de propagandas por meio das duas fotografias, oriundos do contato entre o português e o espanhol, se torna quase natural no cotidiano de cidadãos fronteiriços e

⁵ Foto retirada na cidade de Cobija - Pando. Mercado de produtos alimentícios.

⁶ As fotos apresentadas neste trabalho fazem parte do *corpus* de pesquisa da dissertação de mestrado: *Hibridismo Linguístico: Um estudo de caso do portunhol nos gêneros discursivos que circulam na fronteira Brasil-Brasileia-Epitaciolândia/Bolívia-Cobija*.

acabam por adentrar no repertório linguístico local, contribuindo para o fortalecimento do portunhol, usado como uma língua de comunicação. Nesse contexto, Sturza (2019) reforça que:

O Portunhol Língua de Interação Comunicativa também ocorre em publicidades, em panfletos, em programas de humor, *comics* entre outras textualidades. Nesta ocorrência, importa a intenção de se comunicar, seu apelo pragmático e o funcionamento como um propulsor de interação (STURZA, 2019, p. 111).

Essas representações do portunhol se manifestam nos mais diversos espaços da fronteira, sobressaindo-se com mais frequência nos locais onde existe um maior contato entre pessoas em processo de interação, de contatos, de choques linguísticos e culturais resultantes de povos que convivem na diferença, mas que encontram pontos de apoio no portunhol. Em todo esse contexto, não existe uma norma que classifica “erros” e delimita aqueles que falam bem o espanhol ou o português, pois a única regra a ser seguida é a de se fazer entender e conseguir se comunicar.

Ressalta-se, ainda, que dentro do contexto fronteiriço geográfico existe a representação do portunhol selvagem, uma variação dessa língua que se configura como processo artístico literário. Toma-se por empréstimo o termo para se referir a alguns autores e artistas de um modo geral, que nascem e crescem na fronteira e experienciam o portunhol em práticas comunicativas desde pequenos. Dessa forma, a formação identitária desses sujeitos fronteiriços baliza-se no uso do portunhol em suas produções artísticas como recurso linguístico de representação de seu estado de fronteira, demonstrando o contexto geográfico e cultural ao quais estão condicionados.

Todos esses dados proporcionam uma reflexão sobre os usos do portunhol e um entendimento das características desse código linguístico em contextos linguísticos, políticos, econômicos, culturais, geográficos nas possíveis fronteiras demarcadoras desse recurso comunicativo. Para tanto, há a necessidade de uma noção satisfatória do portunhol, para que haja uma concepção que vá além do “erro” produzido ou de uma simples interferência de uma língua na outra. É preciso conhecê-lo, portanto, por meio do pragmatismo, das representações e dos sujeitos que o usam.

4. Considerações finais

Neste texto, procurou-se discorrer sobre a temática do portunhol e como esse código linguístico se configura nas diferentes realidades de fronteira. Primeiramente, sobre sua intercorrência em sala de aula, para, depois, apresentá-lo como língua das comunidades

fronteiriças. A proposta foi apresentar esse fenômeno linguístico de acordo com o seu contexto de representação.

Com as discussões apresentadas, pode-se, agora, responder às perguntas que nortearam nosso processo de escrita deste artigo. A primeira, de como é visto o portunhol dentro da sala de aula, pode-se dizer que existe uma conotação negativa ao seu uso pelos alunos que o produzem como tentativa de alcançar um padrão de “fluência” imposta pelas instituições de ensino. Com relação à segunda, que diz respeito ao surgimento do portunhol em comunidades fronteiriças, apresenta-se a questão das interações entre os sujeitos fronteiriços em processos comunicativos sociais. Assim, o portunhol surge como forma de representar esse mundo híbrido e os sujeitos que se posicionam política e socialmente por meio da língua. Corroborando esse ideário em relação ao portunhol, Sturza (2019, p. 113) discorre: “A fronteira é que faz o Portunhol existir”.

Com nossas discussões, nos propomos a apresentar as vertentes de representação do portunhol e as decorrências que estão envoltas ao seu uso. Por um lado, dentro da sala de aula, é preciso superar as fronteiras que se estabelecem entre o “certo” e o “errado” e que se configuram como obstáculos para os alunos que buscam usar a língua para se comunicar; por outro, o portunhol, dentro de uma perspectiva geográfica, contribui para unir dois mundos que são separados por uma delimitação política e que representa um (entre) lugar, caracterizado por indivíduos que interagem rotineiramente nas relações sociais. Seja na sala de aula ou nos espaços geográficos fronteiriços, o portunhol atua como processo de construção de significados em espaços distintos que representam subjetivações inerentes ao ato de se comunicar. Para Brito (2010, p.19) “compreender uma língua põe em funcionamento uma competência essencialmente passiva, enquanto falar e escrever exigem uma competência ativa que demora muito mais tempo a adquirir.” Assim sendo, o portunhol permite a compreensão mútua das línguas, espanhola e portuguesa, e, quando ocorre em situações de aprendizagem, é necessário um tempo para a aquisição de uma norma-padrão, prescrita pelos dois idiomas.

Falar, escrever e se comunicar em portunhol, seja em situações formais ou nas interações cotidianas, significa atravessar fronteiras, conhecer o outro lado ou, até mesmo, nele se incluir, abrindo espaço para o pertencimento. É uma língua construtora de sentidos, facilitadora para o processo comunicativo e que promove uma aproximação a partir do hibridismo linguístico e do conhecimento do mundo do outro. Portanto, cabe aos profissionais e estudiosos da língua espanhola, entendedores da dimensão relevante do portunhol no processo de interação em sala de aula ou nas zonas de fronteiras, utilizado de forma mais plural, abrirem espaços de debates e proporem reflexões para quem considera o portunhol somente como um

“erro”. Logo, é necessário avaliá-lo como um recurso inerente e natural ao processo de aprendizado da língua espanhola, que a curto, médio ou longo prazo, vai se dissipando à medida que o novo falante vai ganhando mais fluência na referida língua.

5. Referências

BAGNO, Marcos; LAGARES, Xoán Carlos. **Políticas da Norma e Conflitos Linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BARRIOS, Graciela. La denominación de variedades lingüísticas en situaciones de contacto: dialecto fronterizo, DPU, portugués uruguayo, portugués fronterizo o portuñol. *In: HIPPERDINGER, Yolanda. Lenguas: conceptos y contactos*. Bahía Blanca: EdiUNS (Editorial de la Universidad Nacional del Sur), 2014, 77-105, 2014.

BASSI, Odineide F. O. **Atitudes linguísticas e variáveis sociais na fronteira Brasil - Bolívia. Rio Branco**. 2013. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Linguagem e identidade) – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós- Graduação. Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2013.

BONFIM, Carlos. **Portuñol salvaje: arte licuafronteras y tensiones contemporâneas**. Kipus 31, Quito, 2012, p. 69-86.

BRITO, Ana Maria *et al.* **Gramática Comparativa Houaiss: Quatro Línguas Românicas**. São Paulo: Publifolha, 2010.

DINIZ, Maristela A. S. **Contato transfronteiriço: interferências da L2 na escrita em L1 de alunos de escolas de Brasília (Brasil) e Cobija (Bolívia)**. 2012. 176 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Identidade) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2012.

_____. **La enseñanza de lenguas en una perspectiva plurilingüe en contextos transfronterizos: el caso del estado de acre, Brasil**. 2019. 393 f. Tese (Doctorado en Investigación Transdisciplinar en Educación) – Facultad de Educación y Trabajo Social. Universidad de Valladolid, Valladolid, 2019.

HYMES, D. H. *On Communicative Competence*. *In: BRUMFIT, C. J. & JOHNSON, K. The Communicative Approach to Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1979.

LAGORIO, Consuelo Alfaro. Norma e Bilinguismo no Espanhol Americano: o caso andino. *In: BAGNO, Marcos; LAGARES, Xoán Carlos. Políticas da Norma e Conflitos Linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

LIPSKI, John M. Um caso de contato de fronteira: o Sudoeste. *In: ALTENHOFEN, Cleo; MELO, Heloísa; RASO, Tommaso (orgs.). Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011 (349-368).

REIS, Cláudia F. **Os sentidos de portunhol e spanglish no espaço enunciativo da Internet: um estudo das relações de determinação e (des)legitimação**. 2010. 193 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

SCHNEIDER, Bruna C. T. **O portunhol como interlíngua**: Uma proposta de Retextualização/Tradução com Foco no Par Linguístico Português<>Espanhol. 2020. 164 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, 2020.

STURZA, Eliana. Portunhol: a intercompreensão em uma língua da fronteira, **Revista Iberoamericana de Educación**, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), v. 81, n. 1, 97-113. 2019.

ZOLIN-VESZ, Fernando. Como ser feliz em meio ao Portunhol que se produz na sala de aula: por uma pedagogia translíngua, **Revista Trabalho em Linguística Aplicada**, Online, v. 53, n. 2, 321-332, 2014.

_____. 'Portunhol': língua, história e política, **Revista Gragoatá**, Niterói, v. 24, n. 48, 95-116, jan. -abr. 2019.